Para o estudo dos objetos cognatos em PE: proposta de tipologia[1*]

1. Introdução

Neste artigo analisamos os verbos com objetos cognatos (OC) e objetos hipónimos (OH) em Português Europeu (PE) e propomos uma tipologia de organização destas construções, com base em propriedades sintático-semânticas.

Neste texto desenvolvemos a análise sintático-semântica das construções do tipo *chorar um choro*... e *cantar uma cantiga*, em representação, respetivamente, dos tipos OC verdadeiros e OC aparentados. Estes dois tipos são construções que surgem na língua como aparentemente semelhantes, apresentando artigo indefinido e modificador restritivo no sintagma nominal (SN), embora o estatuto daquelas duas propriedades seja bem diferente: a indefinitude e a modificação são obrigatórias nos OC verdadeiros e opcionais nos OC aparentados.

Partindo das propostas de Hale & Keyser (1993; 2002), num quadro lexicalista, e de Haugen (2009), segundo os preceitos da Morfologia Distribuída, propomo-nos, em desenvolvimento de Choupina (2013), discutir do ponto de vista teórico e descritivo a contribuição daqueles autores, assim como apresentar a nossa análise das construções cognatas e hipónimas para o PE.

2. Enquadramento teórico

O fenómeno dos OC está largamente estudado na literatura especializada, principalmente para o Inglês. Neste âmbito, são incontornáveis os trabalhos desenvolvidos por Hale & Keyser (1993; 2002), a partir dos quais as estruturas argumentais são pensadas e projetadas no próprio léxico e muitos verbos são formados por incorporação nominal.

Em Inglês há, contrariamente ao que ocorre nas Línguas Românicas, um grande número de formas que pertencem simultaneamente à categoria dos nomes e à categoria dos verbos: 'dance', 'laugh', 'bottle' e 'saddle'. No seguimento deste fenómeno, Hale

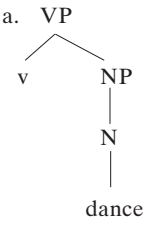
[1] *Enquanto membro do CLUP esta pesquisa foi apoiada por FEDER / POCTI U0022/2003. Agradeço os contributos de Ana Maria Brito enquanto orientadora desta pesquisa e os seus comentários aquando de uma primeira leitura deste texto. Agradeço igualmente os contributos de José António Costa e dos comunicantes do congresso.

BDD-V2134 © 2016 ATILF
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.42 (2026-11-15 20:00:05 UTC)

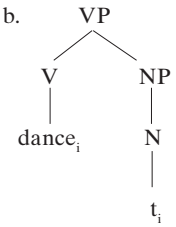
& Keyser (1993) propõem que os verbos inergativos denominais em Inglês (como 'to dance', 'to laugh') sejam considerados «transitivos escondidos» num nível subjacente, formados por um processo lexical abstrato de incorporação – por um movimento do núcleo da posição nominal para a posição verbal, como se ilustra nas estruturas em (2)[2] para a construção (1).

(1) He danced a dance. (Hale & Keyser 2002, 71)

(2) a.



b.

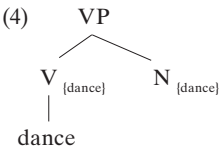


Esta proposta é ligeiramente adaptada em Hale & Keyser (2002), sendo que todos estes verbos denominais passam a ser identificados como monoargumentais, projetando uma estrutura argumental monádica. No entanto, o que acontece é que estes mesmos verbos que sofrem incorporação podem também coocorrer em construções como as de (3), em que, afinal, a posição reservada para a primeira raiz (que sofreu uma incorporação para formar a forma fonológica do verbo) está agora ocupada: em (3a) está ocupada por material morfologicamente idêntico ao incorporado ('dance') e em (3b) está ocupado por um novo material linguístico ('a jig').

(3) a. He danced *a dance*.
b. He danced *a jig*.

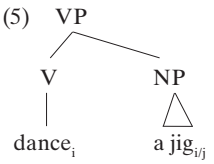
No sentido de resolver este paradoxo, os autores introduzem a noção de 'conflation', enquanto um «process of copying the p-signature of the complement into the p-signature of the head, where the latter is "defective"» (Hale & Keyser, 2002, 63 e 93). No entanto, esta abordagem continua a levantar um grande problema: os mesmos verbos que apresentam uma estrutura com OC (3a), explicada agora por 'conflation' (cf. estrutura em (4)), podem também formar livremente objetos hipónimos (OH), como 'a jig', (3b), aparentemente na mesma posição sintática que o OC, como se ilustra em (5).

(4)



[2] Nas estruturas sintáticas adotaremos as siglas em Inglês.

BDD-V2134 © 2016 ATILF
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.42 (2026-11-15 20:00:05 UTC)

(5)


Podem, então, coocorrer, no inglês, três estruturas com um mesmo verbo, como as apresentadas em (6) para to dance: com objeto escondido (6a); com objeto cognato (6b) - OC; objetos hipónimo - OH (6c).

(6) a. He danced.
b. He danced *a dance*.
c. He danced *a jig*.

Sem negligenciar outras propostas, quer lexicalistas quer não-lexicalistas, faremos apenas referência aos contributos de Haugen (2009), dado que representa uma primeira análise dos OC no quadro da Morfologia Distribuída (MD).

Haugen (2009) adota a teoria da MD (desenvolvida, entre outros, por Halle & Marantz (1993); Harley & Noyer (1999), segundo a qual é a estrutura que determina a formação das palavras e a maior parte do sentido das construções. Trata-se, portanto, de um modelo oposto ao modelo lexicalista de Hale e Keyser, como vimos anteriormente. Segundo Haugen (2009), o abandono do conceito de incorporação estrita e a revisão da noção de conflation de Hale & Keyser (2002) não permite resolver os problemas levantados pelos OC e pelos OH.

A proposta de Haugen assenta na aceitação da inserção tardia, na ideia que "syntatic categories are purely abstract, having no phonological content" (Harley & Noyer, 1999, 3, citado por Haugen, 2008, 248) e na não primazia das categorias designadas de nomes e verbos (os radicais são não especificados, não apresentando, portanto, traços de categoria). Desta forma, a MD posiciona a estrutura sintática hierárquica ao longo do percurso de derivação e conta com projeções funcionais (os chamados *f* - morfemas, *n*, *a* ou *v*, para interpretar os radicais acategoriais. Haugen alia a operação de inserção tardia à teoria da cópia de Chomsky (1995), sendo esta última que permitirá a análise dos OC e a primeira que autoriza a inserção de OH. Neste sentido, a inserção de radicais nominais não cognatos (hipónimos dos radicais cognatos) na posição de cópias altas e baixas, depois da aplicação da operação de movimento por cópia, o autor resolve o problema levantado em Hale & Keyser (2002), pelas estruturas em (6) (cf. Haugen, 2009, 248).

Apesar das diferenças teóricas, Hale & Keyser (2002) e Haugen (2009) admitem a existência de, pelo menos, dois tipos de construções: as que admitem OC e OH e as que apenas admitem OC. Com efeito, OC e OH são distintos no Inglês (e também noutras línguas, nomeadamente nas Línguas Românicas), porque os verdadeiros verbos com OC, no Inglês, não permitem construções com outros objetos, veja-se a agramaticalidade de (8), como alternativa a (7).

BDD-V2134 © 2016 ATILF
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.42 (2026-11-15 20:00:05 UTC)

(7) *to sleep* + OC
She slept *the sleep of the just*.
(8) **to sleep* + OH
* She slept *her last nap*/*a long winter slumber*.

Por outro lado, tais verbos também rejeitam a pronominalização, como mostra a má formação em construções com OC (9), enquanto as construções com OH a permitem (10) (Hale & Keyser, 2002, 71).

(9) **to sleep* + OC (pronominalização)
* John slept *the sleep of the just* and Bill slept *it too*.
(10) *to dance* + OH (pronominalização)
John danced *the tango* and Bill danced *it* too.

Em síntese, o verbo 'to sleep' apenas admite OC e o verbo 'to dance' admite a ocorrência com OC e OH. Este último tipo de construções é denominado por Gallego (2012) de hipónimos alternantes.

Adotaremos para o PE a distinção entre OC que admitem a substituição por OH e OC que não admitem. No entanto, outras distinções se justificam, como veremos na secção seguinte.

3. As construções cognatas e hipónimas em PE

3.1. Descrição sintático-semântica

Os exemplos (11) a (15) apresentam, em itálico, objetos cognatos (OC), distribucionalmente adjacentes ao verbo, em posição típica de um complemento direto (CD).

(11) Alérgico a todos os gatos. Espirrei um espirro enérgico. E foi pelo pra todos os lados! (corpus: v35; c492)[3]
(12) … agora neva uma neve molhada (…) (corpus: v51; c578)
(13) Dormi um sono profundo, sem sonhos, mas quando acordei, pensei logo em ti (…) (corpus: v32; c469)
(14) Cruzar a Aldeia de Bogas de Cima, seria sempre a arfar, não fosse a paragem no café local, onde bebemos uma bebida fresca e (…) (corpus: v8; c78)
(15) Também cantou uma canção popular do folclore português, um "vira" do Minho (…) (corpus: v15; c140)

O composto cognato nas frases (11) a (15) contém um verbo e um nome conato, quer este seja cognato morfológico ('espirrar – espirro'; 'nevar – neve'; 'beber – bebida'; 'cantar – canção'), quer seja cognato semântico ('dormir – sono'). Independentemente das diferenças morfológicas, semânticas e sintáticas existentes entre eles, estes OC são categorialmente SN.

[3] Os exemplos com esta indicação são retirados de um corpus específico de investigação: v de verbo e c de construção.

BDD-V2134 © 2016 ATILF
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.42 (2026-11-15 20:00:05 UTC)

Distinguiremos, nesta investigação, os OC de (11) a (13) dos OC de (14) e (15).

Os OC de (11) a (13) são constituintes nominais que ocorrem, normalmente, pospostos ao verbo e com ele estabelecem intrínsecas relações morfológicas, etimológicas e/ou semânticas. Nos exemplos (11) e (12), o verbo e o nome cognato (Ncog) apresentam uma relação morfológica e etimológica, uma vez que se formam de uma mesma raiz. Em (13), 'dormir' e 'sono' não são cognatos morfológicos (nem etimológicos), dado que se formam de raízes distintas, porém, são cognatos semânticos – entram na língua a partir de raízes de palavras sinónimas: 'dormir' vem de 'dormire', do Latim, e este, por sua vez, vem de 'dre-' (dormir), do Indo-Europeu; 'sono' vem de 'somnus', do Latim, que, por sua vez, vem de 'swep-' (dormir) do Indo-Europeu[4]. Consideraremos, por isso, 'dormir' e 'sono' cognatos semânticos.

Porque em (11) a (13) o composto V – Ncog é pleonástico e pouco informativo, o OC apresenta fortes restrições semânticas e sintáticas, como é o caso da indefinitude e da modificação obrigatórias[5]. Veja-se, a este propósito, a agramaticalidade dos exemplos em (16) e (17), com 'espirrar' e 'nevar' respetivamente.

(16) a. Alérgico a todos os gatos. *Espirrei *um espirro*.
b. Alérgico a todos os gatos. *Espirrei *o espirro*.
c. Alérgico a todos os gatos. *Espirrei *o espirro enérgico*.
(17) a. *agora neva *uma neve*.
b. *agora neva *a neve*.
c. *agora neva *a neve molhada*.

A agramaticalidade de (16a) e (17a) deve-se à ausência do modificador restritivo, responsável, neste tipo de construção, pela informação nova. Nos exemplos (16b) e (17b), a agramaticalidade é justificada não só pela ausência de modificador, mas também pela definitude do sintagma. Em (16c) e (17c), o artigo definido leva à agramaticalidade, acrescida de ausência de discurso anterior, que contextualize a definitude.

A nível semântico, os OC com 'espirrar' e 'nevar' apresentam-se como objetos que ampliam o evento descrito pelo verbo, sendo considerados por alguns autores como objetos de evento ou resultado[6] (cf. Höche, 2009). Neste sentido, os OC desta classe ou têm uma leitura de evento, sendo que apenas há 'espirro' enquanto o evento de 'espirrar' existir; ou leitura de resultado de breve duração, como em *nevar*.

---

4 Cf. <http://origemdapalavra.com.br/> (consultado em 2013).

5 Também no PB (cf. Silva 2010) e no Inglês (cf. Höche, 2008) a indefinitude e a modificação se apresentam como condição *sine qua non* para a boa-formação dos OC prototípicos.

6 Höche (2009) distingue os objetos de resultado 1 dos objetos de resultado 2, segundo o tipo de objeto criado durante o evento descrito pela atividade do verbo: os primeiros são entendidos como uma componente do processo verbal, normalmente a final, não tendo uma existência independente; os segundos são entidades concretas que passam a existir após o evento, independentemente de este terminar. Os OC com leitura de evento podem também ser considerados de resultado 1, sendo que o resultado "criado" se aproxima de uma experiência que o sujeito tem.

BDD-V2134 © 2016 ATILF
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.42 (2026-11-15 20:00:05 UTC)

Quanto à frase com 'dormir', (13), a ausência de modificador pode não levar propriamente a uma agramaticalidade sintática, porém gera uma interpretação diferente da primeira (marcada no teste (18) com #) e, logo, surge outro tipo de construção.

(18) #Dormi *um sono,* mas quando acordei, pensei logo em ti.

Com o verbo 'dormir', o cognato sem modificador, em (18), no PE, é equivalente, a nível regional, a 'dormir durante um curto período de tempo', normalmente depois das refeições, podendo ser substituído por 'sesta' e 'soninho' (cf.19).

(19) Dormi *um soninho*/*uma sesta,* mas quando acordei, pensei logo em ti.

Neste sentido, deixamos de estar perante o primeiro tipo de OC, sendo que o processo de dormir passa a estar limitado a um período de tempo.

Quanto ao critério da indefinitude, este parece ser uma exigência também para os cognatos com o verbo 'dormir' e definidora dos tipos de construções cognatas – os OC verdadeiros. No entanto, o critério da indefinitude não é visto como absolutamente uniforme numa dada língua e nas várias línguas em que as construções ocorrem. Real-Puigdollers (2008, 170) analisa os OC em Línguas Românicas e considera que o Espanhol, o Italiano e o Francês não apresentam obrigatoriedade de indefinitude no objeto cognato, sendo que, a partir dessa análise, alarga a ideia às Línguas Românicas no geral. Afastar-nos-emos da conceção da autora, por não aceitarmos que exemplos estritamente literários e/ou expressões fixas (cf. (20) a (23)) possam ser aduzidos para fundamentar a heterogeneidade dentro das Línguas Românicas e destas em relação ao Inglês.

(20) Reir *la risa de un niño*. (Mendikoetxea, 1999, 1578) [Rir o riso de uma criança.]
(21) Dorme *il sono del giusto*. (Renzi, 1988, 60 (vol.1)) [Dorme o sono do justo.]
(22) Pleurer *toutes les larmes de son corps*. (Grevisse & Goosse, 1993, 393) [Chorar todas as lágrimas do seu corpo.]
(23) She slept *the sleep of the just*. (Hale & Keyser, 2002) [Ela dormiu o sono do justo.]

As frases (20) a (23), em Espanhol e em Inglês, respetivamente, por conterem expressões fixas ou em processo de lexicalização, apresentam artigo definido e não podem permitir concluir que estas línguas, portanto, não exijam a indefinitude do objeto cognato. A expressão "dormir o sonho dos justos" ocorre em diversos dicionários (impressos e *on line*) das mais diversas línguas[7]. Afastar-nos-emos, portanto, das críticas de outros autores e aceitamos o critério de indefinitude como requisito básico para a existência de um OC verdadeiro[8].

---

[7] Francês – *dormir du sommeil du juste* (http://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/dormir/26496/locution?q=dormir+le+sommeil+de+juste#154776); Inglês - *I sleep the sleep of the just* (http://oxforddictionaries.com/definition/english/sleep>); Italiano - *dormire el sono del juste* (http://it.thefreedictionary.com/dormire+el+sono+del+juste).

[8] Silva (2010: 17, 92 e ss.), para o PB, apresenta também as seguintes propriedades como caraterísticas típicas dos OC prototípicos (para nós OC verdadeiros de tipo a.): "verbo principal intransitivo transitivizado pela instanciação pós-verbal de um Sintagma Nominal interpretado no predicado como objeto direto, que contém um determinante (fraco, não

BDD-V2134 © 2016 ATILF
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.42 (2026-11-15 20:00:05 UTC)

Em síntese, com os verbos 'espirrar', 'nevar' e 'dormir' encontramos um tipo de cognato que exige modificação e indefinitude – os OC verdadeiros – ainda que de subtipos diferentes: os OC verdadeiros morfológicos, com os verbos 'espirrar' e 'nevar' (subtipo a); os OC verdadeiros semânticos, com o verbo 'dormir' (subtipo b). Quando aquelas propriedades não se verificam, as construções ou são agramaticais (cf. (16) e (17)) ou outro tipo de construções cognatas, com outras interpretações (cf. (18)).

Os OC verdadeiros ocorrem, tipicamente, com verbos ditos de 0 argumentos, como os meteorológicos ('chover', 'nevar'), com verbos de 1 argumento, como os de comunicação não-verbal/reação corporal ('espirrar', 'tossir', 'bocejar', 'gritar'), alguns de comunicação verbal ('orar'), alguns cognitivos ou de processos intelectuais ('sonhar', 'pensar') e alguns de sentimento ('sofrer'), ainda que com diferenças ao nível da produtividade/frequência em PE.

É comummente referida na literatura a possibilidade de as construções com OC serem parafraseadas por estruturas com verbos leves (cf., entre outros, Real-Puigdollers, 2008; Gonçalves *et al*., 2010). Vejamos, em (24) a (25), o comportamento de alguns OC verdadeiros morfológicos perante paráfrases por verbos leves.

(24) a. Espirrei um espirro enérgico.
b. Dei um espirro enérgico.

(25) a. A mãe chorouaa. Sonhei um sonho que não devia ter sonhado.
b. Tive um sonho que não devia ter tido.

Os OC com os verbos espirrar e sonhar parecem aceitar facilmente a paráfrase com os verbos leves dar e ter, em (24) e (25), respetivamente, não tendo, pelo menos aparentemente, sofrido qualquer diferença de interpretação. No entanto, a escolha do verbo leve não se faz ao acaso, segue determinados requisitos semânticos e sintáticos (cf. Gonçalves *et al.*, 2006; 2010). Vejamos, ainda, o que ocorre com o verbo chorar (26).

(26) a. A mãe chorou *um choro manso*.
b. ?/#A mãe fez *um choro manso*.
c. ?/#A mãe teve *um choro manso*.

O verbo *chorar* parece não aceitar a paráfrase com facilidade, nem com o verbo leve 'fazer' nem com o verbo leve 'ter'. As paráfrase em (26b) e (26c) apresentam interpretações algo distintas de (26a). Em (26b), o sujeito pode ter realizado um choro intencional, diferente do choro enquanto reação corporal (26a). Várias questões devem ser discutidas a partir da substituição de verbos cognatos por verbos leves: (i) nem todos os verbos com cognato aceitam facilmente a substituição por verbo leve (27); (ii) as paráfrases podem envolver várias interpretações (28); (iii) alguns verbos que admitem construção com verbo leve não admitem com um verbo pleno (29) e vice-versa (30).

---

referencial), um núcleo (nome cognato ao verbo intransitivo) e um modificador (SA/SP/SC)" (Silva, 2010, 17).

BDD-V2134 © 2016 ATILF
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.42 (2026-11-15 20:00:05 UTC)

(27) ?/# A mãe fez/teve um choro manso.

(28) #A Amália fez uma canção.

(29) a. *O homem estrangeiro entrou uma entrada intempestiva/*chegou uma chegada inesperada/*partiu uma partida repentina.

b. O homem estrangeiro teve uma entrada intempestiva/uma chegada inesperada/ uma partida repentina.

(30) a. Amanheceu uma manhã bastante agradável: o mar não está assim muito agitado e o céu não muito encoberto. (corpus: v4; c13)

b. ?Fez uma manhã bastante agradável…/*Teve uma manhã bastante agradável… /*Deuuma manhã bastante agradável…

Os OC verdadeiros são os mais típicos ou prototípicos no conjunto dos tipos de cognatos e são, não raras vezes, confundidos com expressões lexicalizadas ou quase cristalizadas (cf. 'dormir o sono dos justos'; 'chorar lágrimas de crocodilo'; 'morrer de uma morte santa') e com outros tipos de cognatos muito semelhantes, como os OC de (14) e (15), aqui repetidos em (31) e (32).

(31) Cruzar a Aldeia de Bogas de Cima, seria sempre a arfar, não fosse a paragem no café local, onde bebemos *uma bebida fresca* e (…) (*corpus*: v8; c78)

(32) Também cantou *uma canção popular do folclore português*, um "vira" do Minho (…) (*corpus*: v15; c140)

Os sintagmas em itálico dos exemplos (31) e (32) formam um outro grupo de OC, ainda que categorialmente sejam SN e ocorram, comummente, com artigo indefinido e modificador. O verbo e o nome apresentam igualmente, pelo menos à superfície, uma relação morfossemântica[9]. Embora próximos, pelas suas aparentes propriedades sintáticas, semânticas e morfológicas, estes OC têm mais liberdade de estruturação, podendo não apresentar modificação, (33) e (34).

(33) Cruzar a Aldeia de Bogas de Cima, seria sempre a arfar, não fosse a paragem no café local, onde bebemos *uma bebida*.

(34) Também cantou *uma canção*.

De notar que, nestes exemplos, a interpretação é marcada pelo quantificador numeral, sendo que se afasta da leitura de evento e se aproxima de uma leitura de entidade, sendo que o objeto uma bebida pode ser, na linha de Moreno Cabrera (1991), um objetos afetado, enquanto uma canção será um objeto efetuado[10].

Quanto ao critério de indefinitude, este apresenta-se mais problemático, sendo necessário um discurso prévio para licenciar totalmente a ocorrência de um determinante definido no SN cognato. O exemplo de SN definido, com modificador, em (35a.) e (36a.) parece ser preferível ao SN sem modificador, (35b.) e (36b.). Em todo o caso,

[9] Leung (2007) entende a relação entre os 'comer' e 'beber' e os nomes 'comida' e 'bebida', respetivamente, como ocasional, portanto, "uma coincidência morfológica" (Leung, 2007:68).

[10] Cf. também Cano Aguilar (1981) e Moreno Cabrera (1991) para uma distinção semântica de níveis de transitividade com base na distinção funcionalista entre objetos afetados e objetos efetuados; Höche (2009) para uma diferenciação de subclasses de OC quanto ao tipo de afetação do objeto.

BDD-V2134 © 2016 ATILF
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.42 (2026-11-15 20:00:05 UTC)

estes exemplos parecem-nos mais aceitáveis do que os exemplos com OC verdadeiros (cf. (16) e (17)).

(35) a. Cruzar a Aldeia de Bogas de Cima, seria sempre a arfar, não fosse a paragem no café local, onde bebemos *a bebida fresca*.
b. ?Cruzar a Aldeia de Bogas de Cima, seria sempre a arfar, não fosse a paragem no café local, onde bebemos *a bebida*.

(36) a. Também cantou a canção popular do folclore português…
b. ?Também cantou a canção.

Os OC deste tipo podem ser substituídos por objeto hipónimo (OH), sendo que o hiperónimo 'bebida' pode ser substituído pelo hipónimo 'água' ou 'sumo' (37) e o hiperónimo 'canção' pode ser substituído pelo hipónimo 'vira' ou 'fado' (38), por exemplo.

(37) … seria sempre a arfar, não fosse a paragem no café local, onde bebemos *uma água* (*fresca*)/ *um sumo* (*fresco*).

(38) … cantou *um vira/fado* (*português*).

Assim, as construções (33) e (37), por um lado, e (34) e (38), por outro, com os verbos 'beber' e 'cantar', são cognatos aparentados ou hipónimos alternantes (cf. também Gallego, 2012). No entanto, os verbos 'beber' e 'cantar' disponibilizam OC de subtipos diferentes: OC aparentados de tipo a, com verbos semanticamente de execução como 'cantar' e 'dançar'; OC aparentados de tipo b, com verbos semanticamente de ingestão como 'beber' e 'comer'.

No que às paráfrases por verbo leve diz respeito, nem todos os verbos com cognato aparentado podem ser substituídos por verbo leve e quando se tenta a substituição podemos encontrar, pelo menos, três situações distintas: (i) estruturas agramaticais (39); (ii) outra interpretação e construção com verbo pleno, homónimo do verbo leve (40).

(39) a. *Fabiana deu/teve uma canção do filme Pequena Sereia.
b. *Ela deu/teve uma bebida alcoólica com os amigos.

(40) a. #Fabiana fez uma canção do filme Pequena Sereia.
b. #Ela fez uma bebida alcoólica com os amigos.

Como podemos verificar pelos exemplos acima, os verbos 'cantar' e 'beber' não aceitam a substituição pelos verbos leves 'dar' e 'ter' (39). Quanto à paráfrase com o verbo 'fazer' (40), esta afigura-se problemática, uma vez que deixa de ter a interpretação de execução (como com 'cantar') ou ingestão (como com 'beber') e passa a ter uma interpretação de criação/preparação ('fazer' como 'criar' (39a) /'preparar' (40b) algo). Nesta perspetiva, o objeto parcialmente efetuado de 'cantar uma canção' passa a objeto totalmente efetuado em 'fazer uma canção' (40a); o objeto afetado 'beber uma bebida' transforma-se em objeto totalmente efetuado em 'fazer uma bebida' (40b). As diferentes interpretações que as paráfrases geram indicam que em (40), portanto, não estamos perante o verbo 'fazer' como verbo leve, mas como verbo pleno.

Continuando a diferenciação entre OC verdadeiros e OC aparentados, podemos ainda adicionar as reflexões acerca da gramaticalidade de algumas destas construções quando são expandidas pela expressão 'mas não sei o quê', considerada uma interro-

BDD-V2134 © 2016 ATILF
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.42 (2026-11-15 20:00:05 UTC)

gativa truncada por Bosque & Gutiérrez-Rexach (2009: 360). Vejam-se os juízos de gramaticalidade/agramaticalidade em (42), com verbos típicos de OC aparentado, em contraste com os de (41).

(41) a. Alfredo Marceneiro cantou, mas não sei o quê.
b. Alfredo Marceneiro comeu/bebeu/dançou, mas não sei o quê.
(42) a. *Ele chorou, mas não sei o quê.
b. *Ele dormiu/espirrou, mas não sei o quê.

Em síntese, as construções com verbos de alternância, 1/2 argumentos, como 'cantar', 'comer', 'beber', 'dançar', são gramaticais e as que contém verbos habitualmente de 1 argumento, como 'chorar', 'espirrar' e 'dormir' são agramaticais[11].

Além dos OC verdadeiros e dos OC aparentados (que podem coocorrer com OH), são também construções cognatas os OC preposicionais, como apresentado em (43).

(43) Uma tristeza. Paz à alma do indivíduo que morreu *de uma morte extremamente estúpida*, provavelmente, completamente evitável. (*corpus*: v49; c564)

Em (43), o sintagma que contém o nome cognato do verbo é um Sprep, sendo por nós nomeado OC preposicional. Ainda que sejam sintagmas preposicionais, estes OC são uma classe que apresenta as mesmas restrições semântico-sintáticas que os OC verdadeiros – indefinitude e modificação obrigatórias. Por limites de espaço, não desenvolvemos este tipo de OC neste texto.

Em síntese, os objetos cognatos formam uma ampla família, com tipos e subtipos distintos.

3.2. Uma proposta de tipologia

Após as evidências de existência de construções diferentes, é nosso objetivo, nesta secção, organizar os OC por tipos e subtipos. Deste modo, propomos a seguinte tipologia.

(44) Tipologia das construções cognatas e hipónimas em PE:

(i) os objetos cognatos verdadeiros (OC verdadeiros):

subtipo a. - *OC verdadeiro morfológico* - o nome é cognato morfológico do verbo; integra um SN que contém necessariamente um determinante indefinido e um modificador restritivo; o verbo é tipicamente de 0 argumentos internos; semanticamente, verbos de reação/atividade corporal, meteorológicos, comunicação verbal e cognitivos; ex.: espirrar – espirro..., tossir – tosse…, chover – chuva…, nevar – neve…, sonhar – sonho…

subtipo b. - *OC verdadeiro semântico* - o nome, embora não seja cognato morfológico do verbo, mantém com ele uma estreita dependência semântica, não podendo

[11] Reflexões complementares, para estas construções em Inglês, são já realizadas por Massam (1990), Omuro (1990) e retomadas por Horita (1996), entre outros estudiosos, utilizando ora a interrogativa com "*o que/o quê*" ora a interrogativa de modo com "*como/de que maneira*", no sentido de distinguir os tipos de OC e/ou a sua natureza argumental.

BDD-V2134 © 2016 ATILF
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.42 (2026-11-15 20:00:05 UTC)

ser substituído, na língua, por um OC morfológico do verbo; integra um SN também composto por um determinante indefinido e um modificador restritivo pós-nominal e o verbo é, tradicionalmente, de 0 argumento e semanticamente de reação/atividade corporal; ex.: dormir – sono…

(ii) os objetos cognatos aparentados (OC aparentados):

subtipo a. - o nome é, aparentemente, cognato morfológico do verbo; forma um SN que parece ser cognato, mas, porque é uma construção que não tem as mesmas restrições sintáticas (presença obrigatória de indefinido e modificador restritivo), não pode ser considerada OC verdadeiro; o verbo é tipicamente de alternância transitiva/intransitiva e semanticamente de execução/performance; ex.: dançar – dança; cantar – cantiga

subtipo b. - o nome parece ser também cognato morfológico do verbo; integra igualmente um SN, mas não exige presença obrigatória de indefinido e modificador restritivo; distingue-se do subtipo a. por o verbo ser caracteristicamente de alternância transitiva/intransitiva, semanticamente de ingestão; ex.: comer – comida; beber – bebida

(iii) os objetos hipónimos (OH):

o nome expressa um subtipo da entidade designada pelo nome morfologicamente relacionado com o verbo ou semanticamente dependente dele; a indefinitude e a modificação restritiva não são obrigatórias; os OH podem substituir os OC aparentados; ex.: dançar – tang; cantar – fado; beber - água

(iv) os objetos cognatos preposicionais (OCP):

o nome é cognato morfológico do verbo; integra um SPERP que contém necessariamente um determinante indefinido e um modificador restritivo; coocorre com alguns verbos de 1 argumento interno (ditos inacusativos); ex.: morrer de uma morte…[12]

(v) 0utras construções cognatas:

o nome é cognato morfológico do verbo; porém, integra um SN ou SPREP que não respeita as propriedades distribucionais das restantes construções (indefinitude e modificação obrigatórias); são construções que se encontram numa determinada fase de cristalização, ma ainda não são expressões fixas; ex.: tossir a tosse dos asmáticos, chorar o choro dos bebés…

Estas construções cognatas entram-se numa relação muito estreita com as estruturas de paráfrase por verbos leves, como ‘dar’, ‘ter’ e ‘fazer’, e com as expressões fixas ou cristalizadas, como em ‘dormir o sono dos justos’. No entanto, por questões de limite de espaço não desenvolveremos este assunto.

[12] Pelo seu comportamento linguístico, os OCP podem, numa dada língua, vir a integrar a classe dos OC verdadeiros (Choupina, 2013), uma vez que podem ser SN indefinidos e modificados adjuntos ao verbo, como é o caso do Inglês (cf. He died (of) a slow death. [Ele morreu (de) uma morte lenta.]).

BDD-V2134 © 2016 ATILF
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.42 (2026-11-15 20:00:05 UTC)

4. Algumas conclusões

As análises antes realizadas permitiram-nos refletir sobre vários tipos de construções cognatas.

Uma das conclusões que podemos retirar é a clara separação entre o que são OC verdadeiros e outras construções, sejam estas cognatas, aparentadas ou hipónimas.

Os OC verdadeiros são, de facto, uma subclasse de objetos especiais, que põe em causa as noções de transitividade e intransitividade dos verbos, em particular dos ditos inergativos, e que justificam um tratamento aprofundado e autónomo do conjunto das construções cognatas que propusemos na tipologia apresentada.

Centro do Linguística da Unidade do
Porto Politécnico do Porto (Escola Superior de Educação) Celda CHOUPINA

Referências bibliográficas

Bosque, I. & Gutierrez-Rexach, J. 2009. *Fundamientos de Sintaxis Formal*, Madrid: Akal.

Choupina, C., 2013. Contributos para uma análise sintática dos objetos cognatos em PE, in: *Studia Romanica Posnaniensia*, Adam Mickiewiez University Press: Poznan, vol. XL/1, 2013, 59-79.

Chomsky, N., 1995. *The Minimalist Program*. Cambridge MA: The MIT Press.

Gallego, A., 2012. A note on cognate objects: cognation as doubling, in: Bentzen K. / Fábregas A. (ed.) Nordlyd 39.1: 95-112, University of Tromso. Disponible dans: http://www.ub.uit.no/baser/nordlyd/ (11/05/2012).

Halle, M. / Marantz, A., 1993. «Distributed morphology and the pieces of inflection. The View from Building 20», in: Hale, K. / Keyser, S. J., (ed.), Cambridge, Mass., MIT Press, 111-176.

Harley, H. / R. Noyer. 1999. *State-of-the-Article: Distributed Morphology*. Glot International 4.4, pp 3-9.

Hale, K. / Keyser, S. J. 1993. «On Argument Structure and the Lexical Expression of Syntactic Relations», in: Hale, K. / Keyser, S. J. (ed.) *The View From Building 20: Essays in Linguistics in honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge. Mass., MIT Press, 53-109.

Hale, K. / Keyser, S. J. 2002. *Prolegomenon to a theory of argument structure*. Cambrige, Mass., MIT Press.

Haugen, J. D. 2009. «Hyponymous objects and Late Insertion», *Lingua* 119, 242-262.

Horita, Yuku, 1996. «English Cognate Object Constructions and Their Transitivity», *English Linguistics* 13, 221-247.

Real-Puigdollers, Cristina 2008. «The Nature of Cognate Objects. A Syntactic Approach», *Proceedings ConSOLE XVI*, pp. 157-178. Disponible dans: http://media.leidenuniv.nl/legacy/console16-real-puigdollers.pdf (27/05/2011).

Silva, M. L. 2010. *As construções com objeto cognato em Português – análise e esboço de modelagem sociocognitiva*. Disponible dans: http://marcelolopesdasilva.com.br/index.php/textosdoautor/doc_details/12-2010b-as-construcoes-com-objeto-cognato-em-portugues-analise-e-esboco-de-modelagem-sociocognitiva.html (27/05/2012).

BDD-V2134 © 2016 ATILF
Provided by Diacronia.ro for IP 216.73.217.42 (2026-11-15 20:00:05 UTC)